

# Um roteiro às avessas: uma aproximação didática para a leitura de Lucrecia Ferrara

Luis Mauro Sá Martino

*Jornalista e Professor na graduação e pós-graduação em Comunicação na Contemporaneidade da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Foi pesquisador-bolsista na Universidade de East Anglia, na Inglaterra.  
E-mail: lmsamartino@gmail.com*

**Resumo:** Como ler o trabalho de Lucrecia D'Alessio Ferrara? Certamente há mais de uma aproximação a uma obra que se ramifica da Teoria da Comunicação ao Urbanismo, do Design à Semiótica. Este trabalho é uma proposta didática inicial para a leitura de seu trabalho, nascida de aulas e orientações de pesquisa, apresentando o desenvolvimento de algumas dos temas e ideias relacionadas a um conceito de comunicação que emerge ao longo do tempo. Propõe-se um aporte cronológico das principais temáticas: (1) uma concepção expandida de linguagem, em diálogo com a semiótica; (2) estudos sobre a leitura comunicacional da cidade e das visualidades do espaço urbano e (3) um conceito de comunicação pautado na abertura do ato de comunicar. Esses pontos são apresentados situando-se brevemente sua produção no contexto dos estudos de comunicação.

**Palavras-chave:** comunicação; epistemologia; métodos de pesquisa; leitura; Lucrecia D'A. Ferrara.

**Abstract:** How to read Lucrecia Ferrara's work? We certainly find more than one way to deal with an intellectual production addressing several subjects, from communication theory to urbanism, from design to semiotics. This study is an initial pedagogical proposal for the reading of her work stemming from research classes and advisory which shows the development of a few of her themes and ideas related to a communication concept which emerges with time. We propose a chronological approach of her main themes: (1) an expanded concept of language in dialogue with semiotics; (2) studies on communication reading of the city and the visualities of the urban space; and (3) a communication concept based on opening the act of communicating. We address these themes and briefly situate them in her production within the context of communication studies.

**Keywords:** communication; epistemology; research methods; reading; Lucrecia D'Alessio Ferrara.

## 1. INTRODUÇÃO

Este texto nasce de uma experiência em sala de aula e, principalmente, das orientações de iniciação científica: o desafio de “apresentar” Lucrécia Ferrara para jovens pesquisadoras e pesquisadores. A atividade é sempre recompensada pelas descobertas presentes nesses encontros, duas das quais, inclusive, foram generosamente acolhidas para publicação – Claro, Mota e Martino<sup>1</sup> e Amá et al.<sup>2</sup>.

Como trazer, em poucas páginas – ou reuniões de orientação – uma obra que se ramifica em inúmeras temáticas ao longo de quarenta anos? A solução, sempre tentativa, é a elaboração de um roteiro de leitura que permita à leitora ou leitor interessado navegar pelas diversas correntes que se entrecruzam no pensamento de Lucrécia D’A. Ferrara. Se não faltam textos de apresentação e interpretação de autoras e autores internacionais, por outro lado parece haver um número bem menor de produções sobre as contribuições brasileiras contemporâneas ao estudo da Comunicação.

O título deste artigo faz referência a uma expressão da autora na apresentação à edição brasileira de *Como se faz uma tese*, de Umberto Eco:

a ciência como atividade transforma-se na faina artística que inventa para revelar as dimensões invisíveis, incógnitas, submersas, recônditas, múltiplas, sensíveis, complexas [...]. A tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta<sup>3</sup>

Há inúmeros recortes possíveis, e, após um primeiro contato, cada leitora ou leitor vai encontrar sua própria abordagem para os textos de Lucrécia D’Alessio Ferrara, de acordo com a variedade de temas e de sua curiosidade. O objetivo aqui é colaborar com essa primeira aproximação – “uma receita às avessas”.

Não deixa de haver algo de estranho, talvez, em propor um roteiro de leitura da obra de uma pesquisadora que poderia, ela mesma, dar essas indicações. Existe sempre o risco de não fazer justiça à visão que a autora tem de sua produção, ou mesmo propor interpretações – um roteiro não deixa de ser uma interpretação – alheias ao sentido de sua obra. Além disso, sem ter sido seu orientando ou seu aluno e, no máximo, tendo tido oportunidade de dividir espaços acadêmicos com Lucrécia Ferrara, falta um tipo de convivência que permitiria acompanhar outras nuances de seu pensamento.

Entre a preocupação didática e os riscos epistemológicos, a atividade como professor leva a escolher a primeira e a postura como pesquisador levam a assumir os problemas da segunda. Vale ter em mente que se trata de um roteiro, não uma interpretação, crítica ou agrupamento.

O método foi um confronto com a obra, desde sua tese de doutorado, em 1963, até seu livro mais recente, de 2018. O foco está nos livros, somando-se a eles, segundo o momento, a produção de artigos, capítulos de livros, vídeos e apresentações orais transcritas. Em alguns momentos houve uma breve tentativa de contextualização das obras. Não se trata, de modo algum, de tentar explicá-las por sua posição histórica, mas apresentar algumas indicações do

1 CLARO, Alana; MOTA, Stéffanie M.; MARTINO, Luis Mauro Sá. Acontecimento, dispositivo e ação: leituras epistemológicas de Marcondes, Braga e Ferrara. In: MATTOS, Maria Ângela (org.). *Metapesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 362-376.

2 AMÁ, Vitória P.; CHECHETTO, Fabíola Balaratti; NASCIMENTO, Rafaela Artero do; MARTINO, Luis Mauro Sá. Iniciação científica e epistemologia da comunicação. *Observatório*, Palmas, v. 4, n. 6, p. 574-596, 2018.

3 FERRARA, Lucrécia. Apresentação. In: ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 10.

contexto acadêmico em que foram seguidas. Pelo mesmo motivo, indicações biográficas são reduzidas ao mínimo.

Finalmente, uma nota sobre a linguagem: pensando no caráter introdutório deste roteiro, a opção é por um estilo mais próximo da sala de aula do que do rigor de um texto acadêmico.

A divisão segue uma ordem cronológica – com exceção do que, por sua natureza, pode ser entendido como a opção inicial para uma leitura da obra de Lucrecia Ferrara, o livro *Leitura sem palavras*. É a partir dele que começa este roteiro.

## 2. LEITURA SEM PALAVRAS: O INÍCIO DA JORNADA

Talvez uma porta de entrada seja o livro *Leitura sem palavras*<sup>4</sup>, publicado em 1986 na série “Princípios”, da Editora Ática, com várias edições e tiragens sucessivas desde então. A proposta da coleção, é apresentar, de maneira direta, temas transversais nas Ciências Humanas.

O tema do livro, a princípio, é o “não verbal”. No entanto, trata-se de um método para ler a realidade mais do que um trabalho voltado, digamos, para gestos ou posturas corporais, temas que costumam aparecer quando se fala em “não verbal”. Em *Leitura sem palavras*, a ideia de “não verbal” é ampliada para a “leitura”, isto é, a “percepção, leitura e interpretação” (como dirá em outros textos) da realidade em vários de seus aspectos: o espaço ao redor, os objetos, o *design*, as paisagens urbanas e imagens – basicamente, tudo o que não tem “letras” para serem lidas, mas ainda assim constituem um “texto”.

Ao longo do livro, há uma preocupação em evitar oposições entre verbal e não verbal: o estudo das linguagens, a Semiótica conforme é entendida por Ferrara, trabalha com as ligações, os entrelaçamentos, as intersecções entre diversos “códigos”. Em uma definição inicial, códigos podem ser entendidos como conjuntos de signos relacionados entre si – os sons organizados fazem parte do código musical, assim como parques e prédios são um pedaço do código urbano, gestos pertencem ao código do corpo, letras, palavras e frases estão ligadas ao código linguístico.

Um ponto inicial de *Leitura sem palavras* é desestabilizar algumas noções comuns que empregamos na vida diária. O livro desafia a fazer uma nova leitura da realidade: a “leitura sem palavras” é uma proposta de leitura “além das palavras”, recordando, de saída, que verbal e não verbal se entrelaçam o tempo todo. A realidade é multicódigos, multilinguagens: resumir tudo ao verbal é perder uma parte importante do ambiente que nos cerca. E ler a realidade é um ponto inicial para compreendê-la, habitá-la, transformá-la.

No cotidiano, os códigos da linguagem verbal parecem ser os mais comuns – a fala, a escrita e a leitura estão sempre presentes nas atividades do dia a dia. No entanto, eles apenas *parecem* ser os mais comuns: na prática, estamos cercados o tempo todo de outros códigos – o ambiente, os objetos

4 FERRARA, Lucrecia D'A.  
*Leitura sem palavras*.  
São Paulo: Ática, 1986.

que nos cercam, a cor da página que você está lendo (ou a *tela* onde você está lendo), o lugar onde se está.

Nesse ponto, é possível lembrar uma das premissas de Marshall McLuhan em *A Galáxia de Gutenberg*, publicado em 1962: a invenção da prensa mecânica, por Gutemberg, nos mergulhou em uma “cultura tipográfica”, na qual os códigos escritos se tornaram os mais importantes – em alguns casos, os únicos que importam. Valorizamos demais um sentido, a visão, e, mais ainda, um tipo específico de olhar, a leitura do texto escrito. Com isso, não apenas deixamos de lado os outros sentidos, mas, mesmo no caso da visão, concentramos nossa capacidade em ler textos, deixando de lado outras manifestações visuais, como as imagens e o espaço ao nosso redor.

Então, a partir dos anos 1950, somos mergulhados novamente em signos audiovisuais com a televisão e a gravação musical, e precisamos reaprender a ver e escutar para além da cultura escrita. De certa maneira, vivemos em uma cultura audiovisual, mas somos fundamentalmente preparados para uma cultura escrita – o descompasso entre esses dois termos pode ser fonte de um número enorme de incompreensões e mal-entendidos. Por isso, ir “além das palavras” é um exercício para aprender a ler outras linguagens, ou melhor, decodificar outros códigos que ajudam a entender melhor a realidade ao nosso redor.

*Leitura sem palavras* provoca a ler a realidade aprendendo a ver os diversos códigos que nos cercam em suas múltiplas relações. Essa leitura é rigorosa e requer quase um treino semiótico, justamente porque temos uma tendência a colocar o verbal adiante do não verbal, esquecendo que cada tipo de signo indica um tipo de leitura: não é possível, por exemplo, “explicar” uma música ou uma escultura com palavras. São linguagens diferentes, que requerem “modos de leitura” diferentes. Posso ficar o tempo que quiser descrevendo uma música instrumental, mas os signos verbais não vão dar conta de definir os sons.

Por seu aspecto introdutório, o livro não encontra paralelo na obra de Lucrécia Ferrara, situando-se como uma aproximação com um público mais amplo de leitoras e leitores interessados em compreender mais as linguagens múltiplas do cotidiano.

Mas a história de sua produção intelectual começa cerca de vinte anos antes.

### 3. A TESE: REGIÃO, TEXTO E ESPAÇO

Seria um anacronismo em enxergar na tese de doutorado de Lucrécia Ferrara alguns dos temas que, mais tarde, seriam desenvolvidos ao longo de sua obra. Como afirma Bourdieu (2007), seria ceder à ideia de uma “ilusão biográfica”, isto é, a perspectiva de que os eventos de uma vida seguem uma curiosa regularidade, quase linear, com eventos polidamente levando uns aos outros.

Feitas essas ressalvas, não deixa de ser tentador ver na tese *Introdução ao estudo de regionalismo de Valdomiro Silveira* uma indicação dos temas com os quais a autora trabalharia nas décadas seguintes, a questão da linguagem e do

espaço – mas isso seria forçar uma interpretação do passado a partir do que se quer ver no presente, violação de uma das primeiras diretrizes de qualquer aproximação com a História.

A tese, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-SP, apresenta uma leitura da obra do escritor paulistano Valdomiro Silveira (1873-1941), focalizando a questão da presença do regionalismo em suas obras. O estudo se concentra em quatro contos do escritor e na maneira como ele se apropria dos modos de falar do interior de São Paulo do final do século XIX e início do século XX. Ao longo de pouco mais de cem páginas, Lucrécia Ferrara desmonta algumas estratégias textuais de Valdomiro Silveira, destacando a relação entre as personagens e com a região onde estão.

Duas palavras aparecem como eixos de interpretação na tese: “estrutura” e “ideologia”. Talvez possam ser lidas como parte de um certo “espírito do tempo”. O momento é o início dos anos 1960, a vaga estruturalista está em seu momento na França, onde dominará por toda a década, e a “análise estrutural” se tornará uma influência decisiva na comunicação a partir de Roland Barthes, Julia Kristeva e Umberto Eco, entre outros. Ao mesmo tempo, “ideologia” é uma palavra do vocabulário marxista em debate naquele momento de redefinição política do pós-guerra e divisão do mundo em blocos.

O trabalho segue os princípios formais de uma tese na área de letras: “linguagem” significa “literatura” em sentido estrito, e “regionalismo” é pensado como questão literária, não espacial ou semiótica.

A relação com o espaço constitui um fato de importância para o desenvolvimento das personagens, e o lugar não é um acessório ou um cenário, mas um participante da ação – mas ir além talvez seja ampliar muito os limites do anacronismo: *Introdução ao estudo do regionalismo de Valdomiro Silveira* só permite adivinhar *a posteriori* os desenvolvimentos futuros da autora.

#### 4. DA LITERATURA À LEITURA SEMIÓTICA

*O texto estranho*<sup>5</sup>, publicado em 1978 na coleção “Elos” da editora Perspectiva, também fala de literatura, mas pode ser situado a anos-luz da tese de 1963. O objeto ainda é o texto literário, mas a abordagem é outra. Nesse livro, primeira obra publicada de Lucrécia Ferrara, os procedimentos da crítica literária são substituídos por um enfoque pautado em um entrelaçamento de ideias do Formalismo Russo, da Semiótica de Peirce e, por que não, das preocupações e experimentalismos de Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. A noção de “texto” começa a extrapolar o que se entende por “literatura”, ampliando-se – ou deslocando-se – da narrativa de um código literário para o entendimento semiótico de questões de forma e conteúdo.

O “estranho” nos textos estudados por Lucrécia Ferrara se refere a obras que desafiam um entendimento comum de literatura como “a história com começo, meio e fim”. Desde o início do século XX, mas especialmente a partir

5 FERRARA, Lucrécia D’A. *O texto estranho*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

dos anos 1950, as vanguardas literárias propõem expandir (talvez o correto fosse “explodir”) as noções clássicas de “literatura”, “escrita” e “texto”. Poemas visuais e tipográficos, colagens, obras de arte que, misturando códigos, não podem mais ser lidas apenas como “literatura” ou “pintura”, e requerem outras categorias para serem entendidas.

Os textos estudados, em si, não são “estranhos”: é o efeito provocado pelo desenvolvimento de um *modo de ler* e pelo deslocamento do que se entende por “linguagem” e sua atuação: não é exatamente a “mensagem” que interessa mostrar, mas, para além disso, as peripécias da forma, os jogos com o conteúdo no texto, os sentidos menos explorados das práticas literárias. Quinze anos depois da tese, em *O texto estranho* “ler um texto” não é mais “interpretar” com base em um cânone literário, mas de explorar os limites da linguagem que ultrapassa os limites do “texto”. A literatura não é explorada apenas como “texto para ler”, mas como “signo a interpretar”.

De certa maneira, *O texto estranho* provoca uma leitura semiótica da literatura – se é possível contrastar isso com uma “leitura literária”, cada uma com seus méritos e possibilidades – próximo do que Décio Pignatari havia feito quatro anos antes em *Semiótica e Literatura*. A noção clássica de “interpretação de texto” é deixada de lado, substituída pela ideia de compreender o texto como conjunto semiótico aberto, compreender a ação de signos, significantes e significados em movimento – não por acaso, em 1968, *Obra Aberta*, de Umberto Eco, também chega às livrarias brasileiras pela Perspectiva.

*O texto estranho* amplia o conceito de leitura, afirmando ao mesmo tempo uma apropriação bastante pessoal da semiótica por Lucrécia Ferrara, algo que anuncia a paisagem teórica de *A estratégia dos signos*.

## 5. A REALIDADE PARA SER LIDA: A ESTRATÉGIA DOS SIGNOS

*A Estratégia dos Signos*<sup>6</sup>, de 1981, pode ser entendida como uma obra definidora do percurso intelectual de Lucrécia Ferrara. Resultado de sua tese de livre-docência defendida na USP no ano anterior, apresenta vários dos temas que ocupariam a autora nas décadas seguintes: uma leitura criativa da semiótica, a preocupação com o espaço urbano, seus signos e a possibilidade de sua leitura e o questionamento constante do método, visto como etapa em permanente construção no seu confronto com a realidade.

Vale destacar brevemente cada um desses pontos.

Quando Lucrécia Ferrara escreve *A Estratégia dos Signos*, a semiótica, ao que tudo indica, estava passando por um momento de alta efervescência nos meios acadêmicos. Apenas como exemplo, o Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da PUC-SP, criado em 1970 – dentre as fundadoras estava Lucrécia Ferrara, diga-se de passagem – havia mudado recentemente de nome e objeto de estudos: era agora um PPG em Comunicação e Semiótica. A diferença era

<sup>6</sup>FERRARA, Lucrécia D'A. *A Estratégia dos Signos*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

um indicador de uma expansão do conceito de “leitura” para um estudo mais amplo das linguagens – uma teoria dos signos, a semiótica.

Qual é a Semiótica de Lucrecia Ferrara? Essa questão merece estudos detalhados, muito além das intenções e possibilidades deste artigo. Mas é possível adiantar que se trata inicialmente de uma leitura criativa da semiótica de C. S. Peirce, de um lado, e da Semiótica Russa, de outro, além de ressonâncias bastante fortes de Roland Barthes, com quem estudou em seu pós-doutorado, realizado em 1971-1972 no Centre Nationale de la Recherche Scientifique, o CNRS, na França.

Em linhas gerais, a perspectiva entende a semiótica como um método dinâmico para compreender a realidade. É mais um modo de pensar – se podemos chamar assim – do que qualquer outra coisa. Em Lucrecia Ferrara, os signos se apresentam como a parte da realidade que podemos entender e decifrar. E, para isso, precisamos conhecer seu funcionamento a partir de suas manifestações – no caso, o espaço, os ambientes ao nosso redor, que muitas vezes tem significados importantes, mas que estão invisíveis para nós – simplesmente porque não sabemos ler o que está na nossa frente.

*A Estratégia dos Signos* é um vertiginoso exercício de leitura de signos em suas várias manifestações, desde o conceito de “signo”, no início do livro, até a leitura semiótica da cidade de São Paulo – em particular a região central da Praça da Sé. A novidade é o modo de olhar: não se trata de olhar a arquitetura apenas em termos de sua história, seu estilo ou qualidades urbanísticas, mas, ao que parece, pensar esses itens como linguagens que precisam ser lidas para revelarem seu potencial – e, eventualmente, suas armadilhas de sentido.

Com o risco que essas divisões trazem, seria possível dizer que com *A Estratégia dos Signos* há uma definição do percurso que a pesquisadora tomara nas décadas seguintes: os temas estão lá, e serão desdobrados nas diversas obras seguintes.

## 6. ESTUDANDO A MÍDIA: DA LITERATURA À TV

A única obra na qual Lucrecia Ferrara estuda “mídia”, no sentido mais comum e estrito do termo, é *Da literatura à TV*, de 1981, feita em parceria com a Norval Baitello Jr.. O livro é um estudo de três contos de Guimarães Rosa para exibição na televisão – dois como “teleteatros”, exibido na TV Cultura, e um como minissérie da Rede Globo de televisão. Ao que tudo indica, é um dos primeiros, se não o primeiro, estudo desse tipo de adaptação, tipo de pesquisa que ganharia espaço nos estudos de Comunicação nas décadas seguintes.

O livro começa com uma espécie de enigma: quem escreveu? As indicações de autoria estão apenas na ficha catalográfica, não na capa do livro, opção que parece estar ligada à origem do livro, vinculado a um órgão municipal de São Paulo.

Adaptações de livros para televisão ou para o cinema são sempre motivo de discussão, tanto entre acadêmicos, interessados em ver como o texto literário é transformado em imagens e sons, quanto entre o público, especialmente entre fãs – neste último caso, adaptações costumam mobilizar o *fandom* de qualquer obra, com discussões bastante sérias a respeito das mudanças que acontecem quando uma história passa de um meio para outro.

Em *Da literatura à TV*, Lucrécia Ferrara analisa, em detalhes, como é esse processo de tradução, adaptação ou transposição de um meio, o impresso, para outro, a televisão. O grau de detalhamento é uma das principais características do livro: há análises de cenas específicas, procurando entender como acontece essa quase “transcrição” – para citar Haroldo de Campos – entre meios diferentes.

O problema não é só questionar se a adaptação é “fiel” ao original ou não, mas pensar como – e se – é possível dar novos sentidos à mensagem quando se passa de um código para outro. Afinal, cada código tem suas próprias características e, embora não sejam fechados em relação a outros códigos, há uma predominância de características, não podem ser reduzidos um ao outro. Nenhum código é completamente isolado, mas é possível notar que algumas características predominam em cada um deles.

O estudo de *Da literatura à TV* mostra justamente como esse jogo entre códigos acontece na adaptação da literatura para o audiovisual. Mas, e esse parece ser um ponto importante, não é “qualquer” literatura: trata-se de clássicos levados para um meio, a televisão, considerado “menor” ou “menos importante” dentro de algumas perspectivas críticas. A escolha, portanto, se não é “sociológica” no sentido de fazer uma “crítica” – por exemplo, como os estudos da Escola de Frankfurt – à televisão, não perde de vista a diferença social entre os meios e seus públicos. Compreender como é a adaptação permite também entender melhor as diferenças de recepção.

Obra isolada na produção de Lucrécia Ferrara, *Da literatura à TV* não deixa de ser um exercício de leitura da tradução “intersemiótica” – seria esta a palavra, emprestada de Julio Plaza (1987)? – entremeando passagens da literatura para o audiovisual. A autora não voltaria ao tema, dedicando-se, no conjunto dos anos seguintes, às explorações da comunicação relacionadas ao espaço e às espacialidades.

## 7. AS PESQUISAS SOBRE O ESPAÇO: A LEITURA COMUNICACIONAL DA CIDADE

Os anos 1990 veem a publicação de dois importantes livros, resultados de pesquisas empíricas, *Olhar Periférico*, de 1996, e *Os significados urbanos*<sup>7</sup>, em 2000. Eles são antecedidos, em 1988, por um trabalho de fundamentação teórica e exploração metodológica, *Ver a cidade*, que será retomado e desenvolvido ao longo das pesquisas. A série se completa em 2007 com a publicação de *Curitiba: do modelo à modelagem*.

7 FERRARA, Lucrécia D'A. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp, 2000.

Em comum, uma preocupação com o que poderia ser entendido como uma interpretação comunicacional do espaço. As ideias de “não verbal”, “comunicação” e “espaço” ganham novos sentidos, alguns já esboçados nas obras anteriores.

Além disso, são pesquisas empíricas de grande porte. Isso oferece uma oportunidade rara: ver a um projeto “ao vivo”, desde sua concepção, a definição de metodologias e os resultados, assim como reflexões teóricas a respeito. Os dois livros trazem também artigos e outros textos relacionados ao assunto, apresentados em eventos acadêmicos e com acesso restrito, permitindo conhecer melhor a produção da autora.

*Olhar periférico*<sup>8</sup> é fruto de uma pesquisa que remonta a 1986, terminada quase dez anos depois. Trata-se de uma oportunidade de compreender o espaço de São Miguel Paulista, na região leste de São Paulo. O que o bairro significava? E como compreender isso? O movimento não é apenas um deslocamento de local, mas também de perspectiva para dar voz – e visualidade – aos signos presentes.

*Os significados urbanos*, por sua vez, estuda as apropriações, imagens e significados presentes na margem esquerda do rio Pinheiros, também em São Paulo. O que elas significam para quem trabalha lá? Como elas são vistas, reconhecidas? Como esses significados são construídos, e como torná-los visíveis? A opção é por provocar um efeito de estranhamento, pedindo que pessoas fotografem o rio – o que elas vivem torna-se o que elas veem.

No início dos dois livros, a autora apresenta a pesquisa desde o projeto – uma chance para compreender sua preocupação na construção de um método mais do que a “aplicação” de um. Método, em Lucrecia Ferrara, é sobretudo invenção. Exploração, não apenas no sentido dos deslocamentos físicos de um lugar para outro, mas principalmente na maneira de pesquisar.

Esse processo não está isento de dificuldades, e, tanto em *Olhar Periférico* quanto em *Os significados urbanos* Lucrecia Ferrara compartilha isso no início da obra. Vemos o método em construção, com todas as suas idas e vindas, dificuldades e problemas. Em *Olhar periférico*, a certa altura, as dificuldades metodológicas chegam a um ponto em que a autora define como método “ir lá ver” – ressalva metodológica importante.

Outro passo é aprender a ler o espaço. No cotidiano, na pressa de todas as atividades, nem sempre paramos para entender como o espaço nos afeta. Percebemos, mesmo sem prestar atenção. Sabemos definir o que é o bairro, reconhecer as características da rua onde moramos, entender as qualidades que tornam um espaço o nosso espaço, seja de moradia, de lazer ou de trabalho. Nem sempre estamos atentos a essas divisões: às vezes simplesmente sentimos quando mudamos de lugar no ambiente urbano, percebemos que saímos de um lugar e entramos em outro.

Lucrecia Ferrara mostra que isso acontece quando conseguimos ler o espaço e entender o que ele nos comunica. Para isso, é preciso ver as diferenças presentes nos espaços, reconhecê-las em termos da definição do que é visto ou não, pensar a visualidade do espaço como característica que permite sua

8 FERRARA, Lucrecia D'A. *Olhar Periférico*. São Paulo: Edusp, 1993.

apropriação. Dito de outra maneira, compreender como os signos do espaço se articulam no sentido de comunicar algo que não está sempre visível.

Vários elementos marcam o espaço, e é possível fazer uma leitura dos significados a partir de suas características – por exemplo, a horizontalidade ou verticalidade de um bairro, a existência de espaços amplos, que podem ser tanto parques quanto avenidas, a disposição, as formas e a presença dos monumentos, as características de uma rua.

Isso não se aplica apenas nos espaços arquitetônicos ou urbanos. É possível fazer uma interpretação comunicacional do espaço pensando também nos ambientes internos, na disposição dos objetos em um cômodo ou das partes de uma casa, assim como da disposição comunicacional das mesas em um restaurante. O espaço comunica, e para entender é necessário reaprender a noção de comunicação para além do verbal ou do abertamente visível. Uma das condições para entender o espaço é torná-lo visível – talvez, em outras palavras, descobrir a visualidade do espaço como uma de suas características.

Não por acaso, tanto *O olhar periférico* quanto *Os significados urbanos* e, mais tarde, *Curitiba: do modelo à modelagem*<sup>9</sup> fazem amplo uso de fotografias. O objeto de análise não é a fotografia em si, mas os sentidos do espaço capturados na visualidade das imagens. As fotos são tiradas pelas equipes de pesquisa ou pelos moradores.

Neste caso, a pergunta é pelas maneiras de apropriação do espaço tornado significante em sua espacialidade, isto é, suas características e especificidades: o que uma pessoa escolhe fotografar de sua cidade, de seu bairro ou sua rua pode dizer muito sobre o que aquele espaço significa para ela, e permite sua leitura. A estratégia metodológica se sustenta na perspectiva de que comunicação ultrapassa qualquer dualidade entre verbal e não verbal: há linguagens, sistemas de signos, irredutíveis entre si, mas entrelaçados e construindo mutuamente significados.

A operação do método, nestes livros, está ligada a três momentos: percepção, leitura, interpretação. O número três não surpreende: trata-se de uma aproximação pela via de uma apropriação muito particular da semiótica de Charles S. Peirce, presente ao longo de toda sua obra. O contato com o espaço está longe de ser “aleatório” ou “espontâneo”, mas é entendido como um processo semiótico dinâmico de compreensão de significados desde o momento inicial do choque com o ambiente, momento da percepção, passando pela reação, a leitura que se faz do espaço, até a simbolização, já no âmbito da interpretação.

Vale mencionar, brevemente, uma coletânea de seus artigos publicados em revistas ou apresentados em eventos. Trata-se do livro *Design em espaços*<sup>10</sup>, resultado de reflexões e pesquisas sobre a questão da espacialidade do ponto de vista do desenho industrial. Por sua temática, pode ser colocado com *Olhar Periférico* e *Os significados urbanos*, mas sem as respectivas partes de pesquisa. Em *Design em espaços* há importantes reflexões epistemológicas sobre as possibilidades da ciência e os limites do conhecimento científico – uma meta-reflexão que nunca esteve ausente de sua obra. Ao que parece, para Lucrécia Ferrara, fazer pesquisa

9 FERRARA, Lucrécia D'A. *Curitiba: do modelo à modelagem*. São Paulo: Annablume, 2007.

10 FERRARA, Lucrécia D'A. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

significa questionar continuamente o que significa “fazer pesquisa”: o método é sobretudo a indagação e a curiosidade, auxiliando a perguntar, mais do que ensinando a responder.

## 8. A EPISTEMOLOGIA: DECIFRANDO O QUE É COMUNICAÇÃO

A partir de 2007, com a publicação de *Comunicação Espaço Cultura*<sup>11</sup>, as questões teóricas e epistemológicas da Comunicação, que nunca estiveram ausentes da obra de Lucrécia Ferrara, passam a primeiro plano. O livro é ao mesmo tempo uma síntese dos trabalhos anteriores a respeito da interpretação do espaço e início da construção de uma noção de “comunicação” bastante original, em diálogo com autoras e autores da Área.

*Comunicação Espaço Cultura*, sem vírgulas no título original, é voltado para compreensão das relações entre esses três elementos. O espaço é uma temática importante, mas não apenas no sentido das obras publicadas até 2006: parece haver uma tentativa de pensar o espaço como algo que comunica, ao mesmo tempo em que é comunicado e envolve outros significados também. Não há “vazio” no espaço, mas o todo preenchido por signos – compreender o que eles comunicam é compreender melhor a própria noção de “comunicação”.

Duas outras obras seguem essa perspectiva, mas são diferentes por sua natureza: *Os nomes da comunicação* e *Espaços Comunicantes* são resultados de pesquisas coletivas desenvolvidas por Lucrécia Ferrara junto ao “Espacc”, grupo de pesquisa que mantém na PUC-SP.

Os livros seguintes, *Comunicação Interação Mediações*, de 2014, e *A comunicação que não vemos*, de 2018, desenvolvem e ampliam essa busca por um conceito de “comunicação” capaz de dar conta de um fenômeno múltiplo e dinâmico sem cair no que poderiam ser definidos como duas “armadilhas teóricas”: a primeira, considerar que tudo é “comunicação”, o que – para usar expressões da autora – tornaria o panorama homogêneo e, portanto, difícil de entender; a segunda, deixar de lado a busca por uma noção de “comunicação” tomando como princípio que seria impossível defini-la. Para isso, nessas obras, retomar o estudo detalhado e atencioso da comunicação – o fenômeno e o conceito.

Nas obras anteriores, Lucrécia Ferrara já indicava que sua a ideia de “comunicação” era diferente das algumas noções mais comuns associadas a essa palavra, como “mídia” ou “transmissão”. Para entender seus estudos sobre o espaço, aliás, precisamos deixar de lado a ideia de que a comunicação só acontece quando há uma “mídia” – no sentido da televisão ou de um *smartphone* – e uma “mensagem a ser transmitida”. Comunicação, em suas obras, se apresenta como um processo amplo que envolve linguagens, códigos e interações de maneira contínua: de certa maneira, jogando um pouco com as palavras, seria possível dizer que para Lucrécia Ferrara a comunicação não “é”; a comunicação “está”.

Dizer que alguma coisa “é”, em alguns casos, significa fechá-la em uma definição e, indo mais longe, fechar sua condição de fenômeno. Nada de errado

11 FERRARA, Lucrécia D’A. *Comunicação Espaço Cultura*. São Paulo: Annablume, 2008.

nisso: o problema é que essas definições raramente dão conta dos fenômenos reais – a realidade é muito mais complexa, interligada e dinâmica do que qualquer conceito. Ao mesmo tempo, precisamos de conceitos para estudar os fenômenos reais, isto é, torná-los inteligíveis para nossa compreensão.

O desafio, portanto, não é apenas criar conceitos – o que seria, digamos, “fácil” em termos de uma definição – mas fazer com que essas construções não engessem a realidade em definições fechadas, mas procurem capturar, na medida do possível, as dinâmicas da realidade. Daí que, em vez de pensar a comunicação como um “ser” (no sentido de “comunicação é...”) a obra de Lucrécia Ferrara parece se encaminhar para entender a comunicação como um “estar” – daí a ideia da comunicação em processo, que “está”.

Uma síntese dessas ideias está em um artigo apresentado em 2013 no GT Epistemologia da Comunicação, da Compós, intitulado “Epistemologia de uma Comunicação Indecisa”. Sem a pretensão de resumir o texto aqui (a única vez que uma amiga e eu fizemos isso, o “resumo” terminou com 18 páginas), vale a pena retomar alguns aspectos. O texto abre caminho na Teoria da Comunicação” no sentido de fazer uma proposição ousada: opor “comunicação” e “comunicar”: a “comunicação”, substantivo, e o “comunicar”, verbo.

No primeiro caso, a “comunicação” é entendida como “coisa”, ou melhor, “substância” – daí, vale lembrar, a noção de “substantivo”. Entendida dessa maneira, pode ser transmitida, enviada, vista como algo relativamente “real” no sentido de algo fechado em si, que pode ser isolado.

Por outro lado, “comunicar”, verbo, indica ação. Trata-se da abertura para algo que ainda não está definido, em flutuações de sentido que não podem ser completamente capturados, mas podem ser compreendidos desde que se aprenda a ler a ação – e não apenas ver a coisa, como estamos geralmente acostumados a fazer no cotidiano. A utilização do verbo “comunicar” aponta algo aberto: comunicação não é algo dado, pronto ou mesmo visível: trata-se de tornar visível a comunicação no momento em que ela age – a ação de comunicar.

A preocupação com o espaço, na perspectiva da comunicação, se mantém nessas obras, ligada a um conceito de comunicação que, longe de estar pronto e acabado, parece estar em pleno movimento – de certa maneira, em Lucrécia Ferrara, seria possível dizer que a comunicação é mais um método do que um conceito.

## 9. OLHANDO A BIBLIOGRAFIA: QUEM A AUTORA LÊ?

Um levantamento completo das referências e diálogos da autora está muito além das pretensões e possibilidades deste texto, mas é possível, a partir da leitura de seus livros, esboçar alguns aspectos – ainda que distantes – dessa genealogia intelectual.

Dois nomes parecem se sobressair: Charles S. Peirce, presente em suas obras desde *A Estratégia dos Signos*, e Milton Santos, nas questões relativas ao espaço e

à constituição de espacialidades. Deste último autor, em particular, seus livros *A natureza do espaço* e *Espaço e Método* são mencionados por Lucrecia Ferrara nas suas intersecções com a comunicação. A leitura que Umberto Eco faz da semiótica de Peirce também está presente – não vamos esquecer que Lucrecia Ferrara faz a apresentação do livro *Como se faz uma tese*, de Eco. E, se nesse texto Lucrecia apresenta o “Umberto Eco professor”, em suas obras também transparece a “Lucrecia professora”, a partir de uma constante preocupação com a clareza na exposição de métodos e procedimentos, didática sem reducionismos ou concessões.

As explorações semióticas são precedidas, tanto na tese de doutorado<sup>12</sup> quanto em *O texto estranho* por aproximações com o formalismo literário e a semiótica russa, em um momento – anos 1960-1970 – em que essas ideias chegavam ao Brasil.

Finalmente, um diálogo constante com seus contemporâneos, tanto na busca por um conceito aberto de Comunicação, junto com, entre outros, Norval Baitello, Ciro Marcondes Filho, Muniz Sodré e José Luiz Braga, quanto no trabalho com a filosofia contemporânea, a partir de Giorgio Agamben, Bruno Latour e Roberto Espósito. Ir além disso requer um trabalho de pesquisa mais amplo, ainda por fazer.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa de apresentar uma obra que se estende ao longo de quase cinquenta anos certamente não se esgota em um único texto. E, menos ainda, existe aqui a ideia de fazer uma “apresentação” como sinônimo de “maneira de ler”: cada um destes livros certamente tem outras portas de entrada – e mesmo sua obra poderia começar a ser lida a partir dos artigos publicados, muitos deles disponíveis na internet.

Este é apenas um roteiro, elaborado a partir de uma leitura parcial de um recorte de sua obra – ficou de fora, por exemplo, toda sua produção de artigos, iniciada já em 1974, e que certamente revelam outros matizes e nuances de seu pensamento.

A ideia, aqui, é propor um roteiro de leitura para quem procura se aventurar por caminhos de busca de um conceito amplo de comunicação, com rigor metodológico e abertura para encontrar rumos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÁ, Vitória P.; CHECHETTO, Fabíola Balaratti; NASCIMENTO, Rafaela Artero do; MARTINO, Luis Mauro Sá. Iniciação científica e epistemologia da comunicação. *Observatório*, Palmas, v. 4, n. 6, p. 574-596, 2018.

<sup>12</sup> FERRARA, Lucrecia D’A. *Introdução ao estudo da obra de Valdomiro Silveira*. 1963. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1963.

CLARO, Alana; MOTA, Stéffanie M.; MARTINO, Luis Mauro Sá. Acontecimento, dispositivo e ação: leituras epistemológicas de Marcondes, Braga e Ferrara. *In*: MATTOS, Maria Ângela (org.). **Metapesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 362-376.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Introdução ao estudo da obra de Valdomiro Silveira**. 1963. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1963.

FERRARA, Lucrécia D'A. **O texto estranho**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERRARA, Lucrécia D'A. **A Estratégia dos Signos**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 1986.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Olhar Periférico**. São Paulo: Edusp, 1993.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Os significados urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Design em espaços**. São Paulo: Rosari, 2002.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Curitiba: do modelo à modelagem**. São Paulo: Annablume, 2007.

FERRARA, Lucrécia D'A. **Comunicação Espaço Cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.